

Fundação Getúlio Vargas
Escola de Administração de Empresas de São Paulo

CARACTERIZAÇÃO DA ATIVIDADE DE EXPORTAÇÃO DE COMMODITIES AGRÍCOLAS NO BRASIL

Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica – CNPq
Projeto de Pesquisa 2014/2015



Aluno: Vitor Umbelino Vieira Machado de
Mendonça
Prof.Orientador: Sérgio Bulgacov



SUMÁRIO

1.INTRODUÇÃO.....	3
1.1 Resumo.....	3
1.2 Objetivos do trabalho.....	4
1.3 Problema de Pesquisa.....	4
2. REFERENCIAL TEÓRICO.....	4
2.1 Processo de globalização.....	4
2.2 Cadeias produtivas e cadeias globais.....	5
2.3 Evolução do cenário do agronegócio brasileiro.....	8
3. METODOLOGIA.....	10

4. CONSTRUÇÃO DO TRABALHO.....	10
4.1 Analisar a atividade de exportação no Brasil.....	10
4.2 Principais desafios a atividade de exportação de commodities no Brasil....	20
4.3 Caracterizar os agentes participantes da rede e seus papéis no processo de exportação de commodities.....	24
5. CONCLUSÃO.....	31
6. BIBLIOGRAFIA.....	32

INTRODUÇÃO

1.1 Resumo do trabalho

O objetivo desse trabalho é caracterizar os efeitos do ambiente na atividade de exportação de commodities no Brasil. Durante a pesquisa será feita uma análise dos fatores mais determinantes da cadeia produtiva do agronegócio e como esses elementos se relacionam com a atividade de exportação de commodities.

Buscando compreender a atuação das empresas exportadoras de commodities e quais fatores mais interferem nas suas atividades, será feita uma análise de como os avanços proporcionados pela globalização revolucionaram a atividade de exportação de commodities. Também, será feita uma caracterização de como a atividade agropecuária brasileira se desenvolveu no Brasil e se tornou fundamental para a economia brasileira.

Na construção do trabalho, inicialmente será realizado um panorama sobre as exportações do agronegócio, mostrando a representatividade na balança comercial e as projeções de evolução. Em seguida será apresentado quais entidades brasileiras fornecem suporte a atividade de exportação e como se dá essa atuação.

Em um segundo momento será analisado quais são os principais desafios para as exportações de commodities agrícolas no Brasil. Os principais elementos serão apresentados de forma a entender o que pode ser mudado para que a atividade não seja prejudicada.

Por fim, será demonstrado como ocorre a relação entre os participantes das cadeias produtivas de exportação do agronegócio. Esse processo,

depende da interação cooperativa de um grande número de agentes formando as cadeias globais de valor.

1.2 Objetivos do trabalho (propósito)

Caracterizar a rede organizacional e o papel econômico, social e de agregação de valor dos agentes de exportação de commodities no Brasil

1.3 Problema de pesquisa

De que forma se constitui o papel econômico, social e de agregação de valor na rede de exportação de commodities no Brasil?

2. REFERENCIAL TEÓRICO

Buscando compreender como as exportações do agronegócio se tornaram fundamentais para a economia brasileira e com grande representatividade no comércio internacional, foi realizada uma pesquisa bibliográfica para identificar os principais fatores que influenciaram nesse processo.

As exportações do agronegócio brasileiro tem papel crucial na sustentação da balança comercial brasileira e na garantia da segurança alimentar mundial no futuro. Porém, antes de analisar como ocorrem as relações entre os agentes envolvidos no processo de exportação, será feita uma análise de alguns fatores que possibilitaram que a atividade de exportação de commodities fosse realizada. A seguir esses fatores serão apresentados.

2.1 GLOBALIZAÇÃO

A análise começa pelo processo de globalização, que podemos definir como a integração mais estreita dos países e dos povos que resultou da enorme redução dos custos de transportes e de comunicação e a destruição de barreiras artificiais à circulação transfronteiriça de mercadorias, serviços, capitais, conhecimentos e (em menor escala) pessoas (Stiglitz, 2004). Esse processo foi resultado de vários avanços tecnológicos, que possibilitaram grandes melhorias em transportes e comunicação proporcionando uma maior interconexão global em diversas áreas.

A globalização remete a ideia de um prolongamento das atividades sociais, políticas e econômicas através das fronteiras, de modo que um acontecimento específico em um dos países conectados à rede global passa a afetar todos os participantes da rede. Estes acontecimentos podem refletir positivamente, mas também de uma forma negativa. Por exemplo, o caso das crises do petróleo que aconteceram no Oriente Médio, região com a maior produção de petróleo no mundo, que devido as guerras ocorridas em seu território, sancionou a distribuição de combustíveis, gerando um aumento global no preço dos combustíveis.

Apesar de deixar os países mais dependentes dos acontecimentos que interferem nas cadeias globais, o processo de globalização é um grande facilitador para a expansão comercial de todos os países, independente do porte de cada nação. Uma grande contribuição advinda da globalização foi o aumento nos fluxos de investimentos estrangeiros diretos e o comércio de serviços, onde muitos serviços são internacionalizados, gerando benefícios mútuos para os agentes envolvidos.

Outra grande vantagem proporcionada pela integração econômica da globalização foi a emergência de nações que aumentaram significativamente sua participação no comércio internacional e apresentam grande potencial de crescimento no futuro. Os BRICS (Brasil, Índia, China, Rússia e África do Sul), consideradas as nações emergentes que irão despontar no futuro,

2.2 CADEIA PRODUTIVA E CADEIA DE VALOR

Devido a grande quantidade de fatores e operações, o processo de organização do agronegócio é dividido em cadeias produtivas. As cadeias produtivas são uma sucessão de operações de transformação integradas e consecutivas, que estabelecem uma relação entre todos os agentes do processo produtivo, visando obter êxito no produto final. As cadeias produtivas variam de um produto para o outro, já que cada ciclo possui suas especificidades diferentes. Todo processo ou operação que exerce influência na realização de determinado produto pertencente ao agronegócio faz parte da cadeia produtiva.

Conforme foi analisado por Batalha (2007), a cadeia de produção agroindustrial pode ser dividida em três macro segmentos. Essas três divisões são:

1. Comercialização. Representa as empresas que estão em contrato com o cliente final da cadeia de produção e que viabilizam o consumo e o comércio dos produtos finais.
2. Industrialização. Representa as firmas responsáveis pela transformação das matérias-primas em produtos finais destinados ao consumidor. O consumidor pode ser uma unidade familiar ou outra agroindústria.
3. Produção de matéria-prima. Reúne as firmas que fornecem as matérias-primas iniciais para que outras empresas avancem no processo de produção do produto final (agricultura, pecuária, piscicultura etc.)

Figura 1: Cadeia Produtiva Agroindustrial



Fonte: (adaptação Batalha 2007).

Outro termo para lidar com a cadeia produtiva agroindustrial foi apresentado por Kaplinsky e Morris (2000), onde o autor denomina a cadeia produtiva de cadeia de valor. Essa denominação ocorre pela agregação de valor que acontece em cada fase da cadeia produtiva, à medida que a cadeia vai evoluindo. Os agentes posicionados em cada etapa da cadeia dão sua parcela de contribuição buscando aumentar o valor do produto final.

O advento da globalização, principalmente na área dos transportes e tecnologia, possibilitou uma maior integração entre os produtos de cada país com o mercado internacional. A cadeia produtiva de bens, que anteriormente concentrava-se dentro de um determinado país, e na maioria das vezes nas mãos de uma única empresa, tornou-se dispersa geograficamente e

fragmentada em diversas etapas e em diversos países, nas chamadas cadeias globais de valor.

De acordo com Gereffi(1995), podemos citar 4 dimensões para a análise das cadeias globais de valor, entre elas temos:

1. Cadeia produtiva, ou seja, descrever todo o processo de produção desde a matéria prima até o produto acabado. Neste caso inclui o a parte de pesquisa, matéria prima, produção, distribuição e marketing, vendas e em alguns casos a logística reversa de resíduos do produto.
- 2 Consideração geográfica. A globalização das indústrias foi beneficiada pelas melhorias em transporte e comunicação. Atualmente as cadeias produtivas estão dispersas globalmente e diferentes atividades são desenvolvidas em diversas partes do mundo. Normalmente países considerados em desenvolvimento oferecem mão de obra e matéria prima, enquanto países considerados desenvolvidos apresentam alto nível intelectual e conseqüentemente oferece pesquisas e desenvolvimento e design de produtos.
3. Estrutura de governança. Neste caso a análise de governança nos permite entender como a cadeia é controlada e coordenada quando certos atores da cadeia têm mais poder que outros. Gereffi(1994, p97) define governança como " autoridade e poder de relacionamento que determina como a parte financeira, materiais e recursos humanos são alocados e circulam na cadeia".
4. Contexto institucional. A estrutura de análise do contexto institucional identifica condições locais, nacionais e internacionais relacionado a condições e políticas relacionadas a globalização em cada estágio da cadeia de valor (Gereffi, 1995).

O comércio internacional vem se tornando essencial para o processo produtivo das empresas, cuja dispersão e fragmentação em cadeias produtivas internacionais podem ser consideradas sem precedentes. Estima-se que atualmente 80% do comércio global seja realizado por meio de cadeias globais de valor, coordenadas por empresas transnacionais (Oliveira, 2014).

2.3. Evolução do cenário do agronegócio brasileiro.

Conseguir uma posição de destaque entre os principais países produtores de alimentos do mundo demandou um grande esforço do empresariado rural brasileiro, que através do seu trabalho conseguiu mudar muitas regiões do Brasil. Além disso, o crescimento do setor agroindustrial no Brasil foi estimulado por uma série de condições geográficas, políticas e econômicas. A seguir será apresentado como ocorreu a evolução do setor de agronegócio no Brasil.

Desde os tempos coloniais, o Brasil apresentava grande potencial agropecuário, sendo disputado pelos colonizadores europeus pelo fornecimento de commodities para a colônia. O país sempre apresentou condições naturais, que serviram como vantagem competitiva para que o desenvolvimento agrícola ocorresse. As principais vantagens competitivas são: as condições climáticas favoráveis e a disponibilidade territorial.

A localização geográfica do Brasil é uma vantagem competitiva natural que o país possui no ramo do agronegócio. O fato de ser um país tropical, localizado entre os trópicos de Câncer e de Capricórnio, faz com que receba uma incidência muito alta de raios solares, que é uma das condições essenciais para a agricultura. Aliada a vantagem do clima tropical, o país também possui um regime de chuvas equilibrado, com alto índice pluviométrico e estações bem definidas, criando um cenário ideal para a prática agrícola.

Se apresentando como o quinto maior país do mundo, a extensão territorial do Brasil é uma grande vantagem para o setor de agronegócio e possui um grande potencial para ser explorado no futuro. Segundo o MAPA (Ministério da Agricultura Pecuária e Abastecimento), o Brasil possui uma área total de 851 milhões de hectares (m.ha), dos quais apenas 329,9 m.ha são de áreas agricultáveis. Entre toda essa área agricultável, apenas 72,2 m.ha são de área plantada. Tirando os 172 m.ha de pastagens (que também podem ser transformados em lavouras), ainda existem 85,7 m.ha de área agricultável disponível com potencial para ser explorada, o que aponta para uma enorme possibilidade de crescimento na área cultivada brasileira futuramente. Essa disponibilidade de terras é um diferencial competitivo muito forte que o Brasil apresenta no cenário internacional, já que seus principais concorrentes possuem uma disponibilidade territorial muito abaixo da brasileira.

A partir de meados da década de 1960 até o final da década de 1980, a agricultura brasileira atravessou um forte processo de transformação, crescendo a taxas expressivas, alterando suas fontes de crescimento. Neste período de transformações, produtividades da terra e do trabalho passaram a fazer parte da dinâmica de crescimento do setor.

Essas transformações foram possibilitadas, principalmente, por uma estratégia bem definida de modernização agrícola. Tal política, acompanhava os objetivos de um plano de governo que visava uma aceleração do crescimento brasileiro e a substituição de importações.

Segundo Barros (1983), fica evidente que a estratégia brasileira de modernização agrícola, no período 1960-1980, baseou-se em quatro pontos fundamentais: expansão dos programas de crédito subsidiado, elevação dos gastos em extensão rural e pesquisa, maior abertura ao comércio internacional e prioridade ao setor de insumos modernos.

A conquista dos ganhos de produtividade gerou as condições necessárias para o crescimento da produção. Também, devido aos avanços tecnológicos, foi possível explorar e plantar em áreas que antes eram consideradas inadequadas para a agropecuária. Esses avanços, devem muito a criação de instituições de ensino, pesquisa e extensão rural, que tinham como objetivo identificar as necessidades que o agronegócio apresentava.

A principal organização responsável por esse salto de tecnologia e conhecimento foi a Embrapa (Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária). Durante 40 anos, a organização estudou o setor agropecuário brasileiro e espalhou centros de pesquisa por todo o país, por onde foi disseminando projetos. Esse compromisso resultou em um enorme avanço tecnológico e científico que colocou o Brasil na condição de referência mundial em agricultura tropical. Como resultado desse progresso, existe uma ampla gama de pesquisas e produtos difundidos por todo o país que geraram um salto de produtividade, como: desenvolvimento em nanotecnologia e biotecnologia, melhoramento genético animal, técnicas de manejo como o plantio direto entre muitos outros projetos.

3. METODOLOGIA

A elaboração desse projeto foi realizada através de uma pesquisa bibliográfica com base em periódicos direcionados, nas obras de especialistas do setor

de agronegócio e comércio internacional e na análise de relatórios fornecidos pelos órgãos governamentais.

Foi tomado o cuidado de se utilizar apenas dados de instituições com respaldo e credibilidade na área, para legitimar as constatações realizadas na pesquisa. Entre as principais fontes de pesquisa estão os materiais desenvolvidos pela FGV(Aroanalysis, Conjuntura Econômica e GVAgro) e dos institutos governamentais direcionados as exportações do agronegócio, como o MAPA (Ministério da Agricultura Pecuária e Abastecimento) e a Apex Brasil (Agência Brasileira de Promoção a Exportações e Investimento).

4. CONSTRUÇÃO DO TRABALHO

4.1 Analisar a atividade de exportação no Brasil

- **Quando surgiu**

A atividade de exportação no Brasil ocorre desde o descobrimento de suas terras, no século XIV, sendo formada sobre um caráter predatório. A princípio, os portugueses exploravam e comercializavam o pau-brasil, explorando a mão de obra indígena, servindo para comercializar a madeira e desbravar território da nova colônia.

Com o passar dos anos, e a efetiva ocupação do território brasileiro, foi introduzida o cultivo da cana-de-açúcar, que também começou a ser beneficiada e exportada para os europeus. Depois de descoberta a predisposição natural do Brasil para a agricultura, muitos outros produtos foram introduzidos, espalhados e comercializados no mercado internacional. Esse processo exigiu a formação de uma infraestrutura voltada à exportação, com a criação de portos, estradas e a formação de vilas e cidades nas regiões litorâneas brasileiras.

Devido à esse processo, formou-se uma cultura de produção voltada à exportação no Brasil, mesmo que tenha sido criada sobre uma condição de exploração. Com o passar do tempo e a proclamação da independência, em 1822, a influência externa na política brasileira diminuiu, mas as relações comerciais do Brasil com outros países continuaram crescendo.

No início do século XX, a produção e as exportações continuaram crescendo em ritmo acelerado. Apesar da participação de demais produtos

como o açúcar, o cacau e a borracha, era o café que se destacava como o grande propulsor das exportações brasileiras. Essa grande dependência da economia brasileira pelo café, acabou sendo maléfica, pois com a crise mundial de 1929, a demanda mundial pelo café caiu drasticamente, afetando diretamente as exportações brasileiras. Após esse sinal de dependência, estava claro que as exportações não podiam ficar dependentes de um único produto e que uma maior diversificação deveria ocorrer.

Foi em meados da década de 70, que houve um grande no panorama das exportações brasileiras. A disseminação da globalização refletiu em todos os setores da economia. No caso das exportações do agronegócio, os efeitos foram drásticos, principalmente na alteração dos processos produtivos e dos meios de transporte

A evolução dos transportes proporcionada pela globalização proporcionou maior alcance e velocidade nos meios de transporte, aumentando a demanda mundial e a diminuindo o tempo de ciclo das cadeias produtivas globais. A evolução nos maquinários agrícolas, também foi um grande avanço para o produtor rural, proporcionando um enorme salto de produtividade

Os processos produtivos brasileiros foram amplamente beneficiados pela globalização. As empresas multinacionais introduziram no país pacotes tecnológicos que aceleravam o processo produtivo e tornava possível o cultivo em regiões que antes eram consideradas impróprias para a agricultura. Esse processo, conhecido como “Revolução Verde”, tornou possível o cultivo e desenvolvimento de uma área muito maior que antes não era aproveitada, principalmente na região Sul e Centro-Oeste, aumentando severamente a produção de commodities brasileiras e o volume de suas exportações.

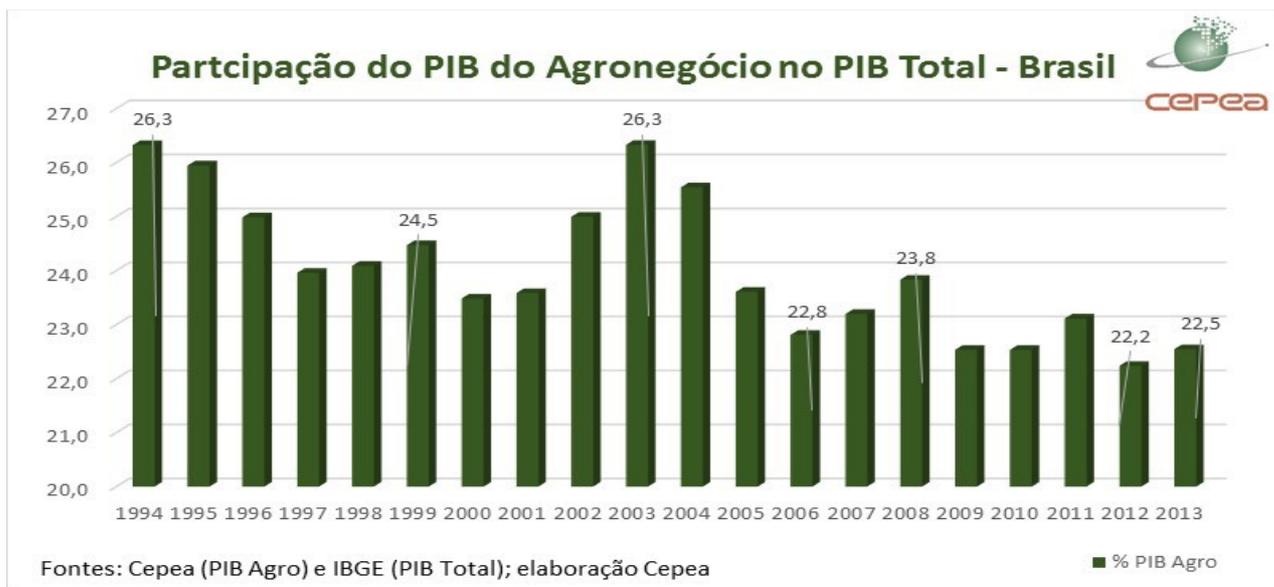
Após essa revolução ocorrida no campo, o agronegócio brasileiro se modernizou e passou a ser um segmento mais evoluído, exigindo um maior grau de profissionalização. Estas mudanças propiciaram a inserção do agronegócio brasileiro nas cadeias globais de valor, tornando a atividade de exportação brasileira mais desenvolvida e com volumes maiores. A seguir será feita uma análise dos principais agentes relevantes no processo de exportação de commodities no Brasil.

- **Panorama do agronegócio**

O agronegócio brasileiro, há anos e de forma constante, vem atingindo ganhos enormes de produtividade, aumentando sua representatividade na economia brasileira e principalmente no saldo da balança comercial de exportações. Segundo a Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA), a produtividade agrícola brasileira cresceu cerca de 150% nos últimos 30 anos, e hoje o Brasil se tornou um dos três maiores produtores e exportadores de produtos agropecuários do mundo, ficando atrás apenas dos EUA (1º lugar) e União Europeia (2º lugar).

Um dos fatores mais relevantes que evidenciam a participação do agronegócio em relação a economia brasileira é a participação do setor no PIB (Produto Interno Bruto). Segundo o balanço da CNA (Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil), o PIB do agronegócio, que é a soma de todas as riquezas produzidas pelo setor, totalizou uma parcela de 22,51% do PIB brasileiro em 2013, correspondendo por um montante de R\$1,09 trilhão de dólares. As expectativas para 2014, feita pela mesma organização, apontam que o setor deve atingir um resultado de R\$1,13 trilhão de reais, sendo responsável por uma fatia de 23,3% do PIB total brasileiro.

Figura 2: Cadeia Produtiva Agroindustrial



Os números referentes a participação do PIB do agronegócio em relação ao PIB total, demonstram o aumento da participação do agronegócio na economia em valores percentuais gerais, indicando um crescimento significativo do setor. No entanto, a previsão do Banco Central é que o PIB de 2014 uma regressão de 0,15%, ou, em uma perspectiva otimista, irá se manter estagnado. Esse contraponto entre a evolução do setor de agronegócio e a retração da economia, aponta para um aumento da participação das exportações no PIB geral do agronegócio. A participação na balança comercial reitera essa análise.

A balança comercial brasileira é sustentada pelas exportações vindas do agronegócio. O saldo comercial representa a diferença entre o número de exportações e o número de importações que um país ou setor obtém. No ano de 2013, o setor de agronegócio teve um saldo comercial 82,9 bilhões de dólares, enquanto que o saldo total brasileiro teve um saldo comercial de apenas 2,6 bilhões de dólares. Essa situação demonstra a enorme dependência que a balança comercial brasileira tem em relação as exportações do agronegócio. Caso não houvessem as exportações do agronegócio, a balança comercial brasileira teria um déficit de 80,3 bilhões de dólares no ano de 2013. Essa situação de dependência das exportações do setor agroindustrial ocorre desde 2007, mas se intensificou a partir do ano de 2010.

Entre os produtos do agronegócio que contribuem para a elevação da balança comercial de exportações, alguns tem maior destaque. O complexo

soja (correspondente por soja em grão, farelo de soja e óleo de soja) é o que detém a maior participação com cerca de 31,3% do total de exportações, até o final do ano de 2012. Em segundo lugar está o complexo carnes (carne de boi, frango e porco), com participação de 18,9% do total exportado. O terceiro grupo é o do complexo sucroalcooleiro (açúcar e álcool), correspondendo por 18% do total exportado. Em seguida, vem o complexo de cereais (cereais, farinhas e preparações) e o café, com participações de 8% e 7,7% respectivamente.

Existe um amplo portfólio de produtos exportados pelo agronegócio brasileiros que possuem menor representatividade. Nessa pesquisa, foram selecionados os produtos que apresentam maior destaque. A Figura 3 apresenta os principais produtos exportados pelo agronegócio brasileiro e suas respectivas evoluções desde o ano de 2006.

Figura 3: Principais produtos exportados pelo agro brasileiro

PRODUTOS	Exportações (US\$ milhões)				Variação %		Participação (%)			
	2006	2008	2010	2012	2006 a 2012	Anual	2006	2008	2010	2012
Complexo soja	9.308	17.979	17.107	26.114	180,6	18,8	25,2	30,8	26,8	31,3
Carnes	8.642	14.545	13.630	15.736	82,1	10,5	23,4	24,9	21,4	18,9
Complexo sucroalcooleiro	7.788	7.894	13.790	15.045	93,2	11,6	21,1	13,5	21,6	18,0
Cereais, farinhas e preparações	723	2.207	2.715	6.674	823,5	44,8	2,0	3,8	4,3	8,0
Café	3.364	4.763	5.765	6.463	92,1	11,5	9,1	8,2	9,0	7,7
Fumo e seus produtos	1.752	2.752	2.762	3.257	85,9	10,9	4,7	4,7	4,3	3,9
Sucos	1.570	2.152	1.925	2.451	56,2	7,7	4,2	3,7	3,0	2,9
Fibras e produtos têxteis	361	719	856	2.151	495,2	34,6	1,0	1,2	1,3	2,6
Frutas (inclui nozes e castanhas)	739	1.033	906	910	23,1	3,5	2,0	1,8	1,4	1,1

Fonte: AgroStat Brasil e MAPA

Dentro do volume total de commodities exportado pelo Brasil, alguns países tem maior participação nesse resultado. A China é o principal parceiro comercial brasileiro. O mercado chinês atualmente se configura como o maior mercado exportador do mundo. Essa evolução é resultado dos altos índices de crescimento econômico e demográfico do país nas últimas duas décadas, que elevou a renda da população e aumentou a demanda por alimentos. Mostra disso, foi o aumento das relações comerciais entre Brasil e China. Em 2002, a China representava 5,47% de todo o total exportado pelo Brasil, e em 2012 passou a ter 18,76% do total arrecadado. Um dos responsáveis por esse aumento é o fato da China ter desistido de produzir soja em seu próprio território, devido à escassez hídrica, voltando suas atenções para a soja brasileira. A Figura 4 mostra os principais destinos das exportações brasileiras.

Figura 4: Principais destinos das exportações brasileiras

Exportações agrícolas – principais destinos (2002 e 2012)

Principais destinos	2002		2012	
	Valor (US\$)	Participação (%)	Valor (US\$)	Participação (%)
China	1.360.100.876	5,47	17.975.280.966	18,76
Estados Unidos	4.138.756.980	16,66	7.028.434.784	7,34
Países Baixos	2.273.670.656	9,15	6.123.631.401	6,39
Japão	994.189.682	4,00	3.538.263.716	3,69
Alemanha	1.336.235.926	5,38	3.121.335.383	3,26
Rússia	1.211.345.363	4,88	2.904.470.620	3,03
Bélgica	1.029.686.599	4,14	2.463.984.771	2,57
Arábia Saudita	409.796.789	1,65	2.450.254.549	2,56
Itália	1.019.888.111	4,10	2.298.310.461	2,40
Coreia do Sul	367.800.424	1,48	2.196.330.206	2,29
Demais	10.704.248.177	43,08	45.713.208.880	47,71
Total	24.845.719.583	100	95.813.505.737	100

Fonte: AgroStat Brasil e MAPA

Analisando as projeções futuras, feitas pelas organizações reguladoras do comércio internacional, o crescimento das exportações brasileiras é fundamental para garantir segurança alimentar para o resto do mundo. Segurança alimentar é uma das prioridades na política mundial, pois em um ambiente cerceado pela fome à insatisfação da população e a disputa entre os países se intensifica podendo chegar a consequências catastróficas como o surgimento de uma guerra.

Com o intuito de prevenir perspectivas negativas para o futuro, a OCDE (Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico) projetou em 2010, que o mundo deverá até 2020, aumentar em 20% a produção de alimentos para que não falte alimentos no mundo, e para que essa expectativa se cumpra a organização espera que o Brasil seja o país que mais amplie sua produção com um crescimento de 40%. Esse fato mostra que para que o mundo atinja a sua meta de segurança produtividade, o Brasil precisa aumentar a sua produção duas vezes mais que o referencial mundial.

Outra perspectiva desafiadora é feita pela FAO (Food and Agriculture Organization of the United Nations), em que a organização afirma que o mundo possui desafios em relação à produção de alimentos e energia devido ao incremento da taxa de urbanização e do crescimento populacional. A estima da

organização é que para que todos tenham alimentos a oferta mundial precisará aumentar em 70% até 2050.

Essas previsões mostram que para que a meta mundial de segurança alimentar seja satisfeita no futuro, o Brasil deve ser um dos principais agentes no processo, aumentando sua produção bem acima da meta. A expectativa por um aumento maior na produção brasileira se deve ao fato de que o Brasil, ainda hoje, possui muitas terras disponíveis, nas formas de matas ou pastagens, que podem se transformar em terras agricultáveis. Em contrapartida, no resto do mundo, principalmente nos países desenvolvidos, as áreas que podem ser transformadas em agricultura são muito escassas, impossibilitando grandes aumentos na produção.

A outra grande região, além do Brasil, que possui disponibilidade territorial e tem condições de apresentar aumentos significativos na produção é a África. No entanto, o continente africano tem sérios problemas políticos e divergências culturais, ocasionando em frequentes conflitos étnicos e territoriais. Outros fatores que dificultam a atividade agropecuária na África é a escassez de água e uma infraestrutura ainda muito precária, aumentando significativamente o custo da atividade.

De acordo com as expectativas da OCDE e da FAO, considerando as expectativas de crescimento populacional, o mundo precisa aumentar significativamente sua produção. O Brasil é o principal agente para possibilitar que esse aumento ocorra, devendo compensar os outros países que não tem condições suficientes para expandir sua produção. Essa situação, aponta para um grande crescimento das exportações brasileiras no futuro.

- **Órgãos públicos e privados de apoio a exportação**

As ações de apoio às exportações são de extrema importância para que os produtos brasileiros possam ser competitivos no mercado externo. A

inserção de pequenas e médias empresas no contexto do comércio internacional é viabilizado por estas ações. Os agentes que desenvolvem um trabalho voltado especificamente para o setor de agronegócios são a Secretaria de Relações Internacionais do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA) e a Agência Brasileira de Promoção de Exportações e Investimentos (Apex-Brasil).

Na Apex-Brasil é desenvolvido um trabalho de incentivo e apoio para empresas e entidades setoriais. Após uma caracterização do nível de internacionalização que o parceiro (empresas, entidades, associações, etc) se encontra, é estabelecido a melhor estratégia para a promoção deste setor ou produto. O trabalho desenvolvido pelo MAPA também pretende promover as exportações do agronegócio brasileiro, mas de modo complementar ao trabalho da Apex-Brasil.

A principal atividade do MAPA direcionada ao mercado externo é na promoção dos produtos e serviços brasileiros do agronegócio para estimular sua comercialização, reforçando a imagem do Brasil como fornecedor de alimentos de qualidade. Esse programa promocional tem duas áreas de atuação: 1) na sensibilização dos agentes da cadeia produtiva em relação à importância das exportações; 2) promoção comercial visando aumentar as exportações.

Em relação à sensibilização da cadeia produtiva para a importância das exportações são realizados Uma série de seminários, espalhados por todas as regiões brasileiras chamados AgroEx. Estes seminários são gratuitos e tem como objetivo disseminar informações estratégicas para o aumento da inserção no mercado internacional. Participam atores de diversos elos da cadeia produtiva como produtores rurais, sindicatos rurais, cooperativas, agroindústrias, distribuidores e instituições de apoio ao agronegócio. Além de estruturar a cadeia, os seminários visam promover a cooperação entre os atores da cadeia produtiva do agronegócio.

Já as missões comerciais são feiras realizadas pelo Ministério com a intenção de aproximar empresários brasileiros a atores do comércio internacional. Em 2013 foram realizadas 12 missões de promoção comercial com participação de 169 empresas. Estas ações são importantes para o

empresário conhecer a ponta da cadeia produtiva e entender melhor a realidade de quem consome seu produto. As ações de prospecção também tem o objetivo de levar empresários brasileiros para conhecer cadeias produtivas de outros países, contribuindo assim para a incorporação de novas tecnologias no processo produtivo que conseqüentemente geram vantagens competitivas no mercado global

A Apex-Brasil atua para promover os produtos e serviços brasileiros no exterior e atrair investimentos estrangeiros para setores estratégicos da economia brasileira. Tem como missão desenvolver a competitividade das empresas brasileiras em seus processos de internacionalização. Os serviços oferecidos pela Agência são:

I. Inteligência de mercado, quando são feitos estudos e análises de mercados que visam orientar as empresas e os parceiros em relação às melhores oportunidades para os seus negócios internacionais.

II. Qualificação empresarial, quando são realizadas capacitações, consultorias e assessorias com o objetivo de incrementar a competitividade e promover a cultura exportadora nas empresas, preparando-as para os desafios do mercado internacional.

III. Estratégia para internacionalização que compreende um conjunto de serviços que visa orientar empresas e parceiros na definição de estratégias para inserção e avanço no processo de internacionalização.

IV. Promoção de negócios e imagem, que são ações como objetivo facilitar o acesso das empresas brasileiras aos mercados internacionais, diversificar os destinos das exportações brasileiras e melhorar a percepção internacional acerca das empresas, dos produtos e dos serviços brasileiros.

V. Atração de investimentos, que são ações para promover e facilitar a atração de investimentos estrangeiros diretos (IED) com o objetivo de melhorar a imagem do Brasil como um mercado atrativo para aportes de capital estrangeiro, promovendo o desenvolvimento e a competitividade do país.

4.2 Principais desafios a atividade de exportação de commodities no Brasil

Apesar dos fantásticos resultados apresentados pelas exportações do agronegócio brasileiro, sustentando o saldo da balança comercial brasileira, ainda existem muitos desafios a serem superados pelo setor. Problemas estruturais, ausência de tratados comerciais e a política tributária, são alguns dos fatores que limitam o fortalecimento das exportações brasileiras. A caracterização desses fatores será feita a seguir.

- **Ausência de subsídios**

A atividade agropecuária, e conseqüentemente a exportação de commodities, acompanha um risco muito grande, devido a exigência de um alto investimento. Existe uma série de fatores como alterações climáticas, insuficiência hídrica, surgimento de novas pragas, entre muitos outros, que podem comprometer a atividade e colocar o produtor em uma situação de extrema desvantagem.

Em nações desenvolvidas, como os EUA e a União Europeia, o risco do produtor é praticamente zero. Mesmo que qualquer adversidade aconteça, o governo adota políticas protecionistas que asseguram a remuneração da produção, como por exemplo, a política de preço mínimo (garante ao produtor um preço mínimo pré-estabelecido caso ocorra algum problema. No Brasil, em contrapartida, os produtores são expostos à um risco imenso já que o governo não se responsabiliza pelos possíveis problemas ocorridos no processo produtivo. Tal situação faz com que muitos produtores brasileiros se endividem devido e encerrem sua atividade.

- **Tratados comerciais**

Os tratados comerciais são acordos firmados entre um ou mais países que buscam promover a concorrência leal no mercado e fortalecer o clima de negócios entre as partes envolvidas. A intenção prioritária dos acordos comerciais é estabelecer relações de livre comércio, trazendo benefícios mútuos para os países participantes. Esses acordos podem ser feitos de maneira bilateral, em que um país específico firma acordos com outro

país ou bloco específico, sendo uma relação mais direta, ou na forma multilateral, em que ocorre a formação de blocos comerciais. A importância dos tratados comerciais se intensificou com a integração das cadeias produtivas globais, se tornando uma vantagem competitiva crucial no comércio internacional.

O MERCOSUL (Mercado Comum do Sul) é o único tratado comercial de livre comércio em que o Brasil está inserido, sendo composto por Argentina, Brasil, Paraguai, Uruguai e Venezuela. Sua atuação, tem se mostrado ineficiente e restritiva, em um período que está havendo uma grande expansão dos acordos comerciais pelo resto do mundo. Em 23 anos de existência, apenas 7 acordos de livre comércio foram criados, sendo que apenas 5 estão em vigor, representando um volume de negócios muito baixo em comparação aos principais acordos comerciais ao redor do mundo. Em comparação, a União Europeia tem 32 acordos de livre comércio em vigor.

Na América do Sul, entre os países que não fazem parte do MERCOSUL, os acordos proliferaram. Peru e Colômbia seguiram o caminho de Chile e México e selaram, respectivamente, 12 e 11 acordos de livre-comércio, incluindo EUA e UE.

Um grande obstáculo ao avanço das negociações do MERCOSUL é a influência que o bloco sofre da Argentina, que tem uma política externa avessa a acordos bilaterais com grandes mercados, travando as iniciativas do Brasil. Atualmente, encontra-se em negociação um acordo de livre comércio com a União Europeia, cujas negociações foram iniciadas em 1999, mas estiveram suspensas entre 2004 e 2010. Apesar do interesse do Brasil em realizar o acordo, a Argentina adota uma postura de desinteresse, dificultando o fechamento da negociação.

A estagnação dos acordos firmados no MERCOSUL é extremamente prejudicial ao Brasil, já que os mercados concorrentes estabelecem uma vantagem competitiva direta com o estabelecimento de acordos bilaterais. O Brasil como a maior economia da América do Sul, deve exercer sua influência e promover a formação de acordos de livre comércio com grandes mercados. Caso contrário, a participação brasileira no MERCOSUL deve ser contestada, considerando os possíveis acordos que o país poderia estabelecer de forma independente.

- **Logística**

No Brasil, os ganhos de competitividade têm ocorrido nas primeiras fases do processo produtivo enquanto, deficiências logísticas afetam o restante da cadeia, especialmente as deficiências ligadas ao transporte e infraestrutura de armazenamento, incidindo diretamente no custo dos produtos exportados.

Devido à extensão do território brasileiro e a localização dos polos produtores em regiões com uma infraestrutura menos desenvolvida, a logística de transporte é um dos segmentos que mais interfere nos ganhos de competitividade. Considerando as grandes distâncias a serem percorridas, a redução nos custos de transporte pode ser alcançada pelo uso intensivo de modais hidroviários e ferroviários, que além de mais baratos apresentam a vantagem da consolidação. No entanto, a infraestrutura existente para estes modais, é insuficiente e a maior parte da produção é transportada por caminhões, aumentando o custo e o tempo de transporte.

A Confederação Nacional da Agricultura (CNA) estima que 45 milhões de toneladas de grãos produzidos no Centro-Oeste, região correspondente pela maior parte da produção, são escoados por estradas para portos do Sul e Sudeste, por falta de opções mais próximas às regiões produtoras. Esse processo gera uma ineficiência muito grande, já que a produção tem que percorrer uma distância muito maior pelo fato de não haver infraestrutura adequada para as saídas mais próximas.

Segundo estudo realizado pela Fundação Dom Cabral (FDC), estradas mal conservadas podem representar um acréscimo de 30% no custo operacional do transporte de caminhões. Os fatores resultantes desse acréscimo são operacionais como: desgaste de pneus, reposição mais frequente de peças e consumo adicional de combustível. O estudo complementa calculando que a melhoria das estradas brasileiras tem potencial para gerar uma economia de R\$ 10 bilhões de reais. No entanto, a manutenção de estradas bem conservadas, tem um custo muito alto e uma frequente necessidade de reparos, sendo mais eficiente o aumento da malha ferroviária e hidroviária.

Um exemplo da desvantagem logística que o produtor brasileiro tem que lidar é o caso da soja, produto com a maior participação nas exportações brasileiras. Segundo a Federação da Agricultura e Pecuária do Estado de Mato

Grosso (FAMATO), para transportar a produção até o porto, produtores de soja gastam US\$ 85 por tonelada, quatro vezes mais que seus concorrentes na Argentina e nos EUA. Se tivessem uma logística igual a dos principais concorrentes, os brasileiros poderiam embolsar até R\$ 6 a mais por saca. Essa situação ilustra a ineficiência da matriz de transportes brasileira.

4.2 Caracterizar os agentes participantes da rede e seus papéis no processo de exportação de commodities

As evoluções tecnológicas possibilitadas pela globalização, principalmente no ramo de transportes, organizaram a atividade agroindustrial em cadeias produtivas. A integração dessas cadeias produtivas com a atividade de exportação deu origem as cadeias globais de valor, em que a cada nível transposto na cadeia ocorre um ganho de valor. Essas cadeias estão divididas em três etapas: “antes da porteira”, “dentro da porteira” e “depois da porteira”.

A etapa de “antes da porteira” corresponde por todo tipo de produto ou serviço que dá suporte a produtor agropecuário. Essa fase contempla toda a cadeia de pesquisa, desenvolvimento, serviços e fornecimento de matéria prima essencial à produção agropecuária comercial. Os principais agentes atuantes nessa fase são: instituições de pesquisa, fornecedores de sementes, fornecedores de fertilizantes, fornecedores de defensivos agrícolas, fabricantes de maquinário agrícola, entre outros.

Após a garantia de que todos os recursos necessários para a produção estão disponíveis, a cadeia avança para a etapa “dentro da porteira”. Nessa fase é onde a transformação dos recursos empregados efetivamente acontece,

resultando na produção agropecuária. Os principais agentes correspondentes por esse processo são o empresário rural e sua equipe de funcionários.

Depois que a produção foi realizada, a cadeia entra na fase “depois da porteira”. Tal fase corresponde por desde a saída da produção ou produto da propriedade rural até o consumidor final. Esse processo demanda de uma estrutura logística desenvolvida, principalmente no setor de transportes e armazenagem. Os principais agentes envolvidos são: Transportadoras, Agroindústrias, Agentes portuários, atacadistas , entre outros.

A agregação de valor cadeia sempre será crescente, a medida que avançamos dentro dos níveis da cadeia. Quanto maior o grau de beneficiamento e industrialização, maior será a agregação de valor adquirida. Esse ganho de valor ao longo da cadeia está diretamente ligado com sua formatação, não seguindo padrões pré-estabelecidos. cada arranjo depende de inúmeras variáveis, que normalmente estão associadas aos contextos regionais e as exigências de mercado. As duas constituições mais comuns são as cadeias dedicadas e de integração horizontal, que serão descritas a seguir.

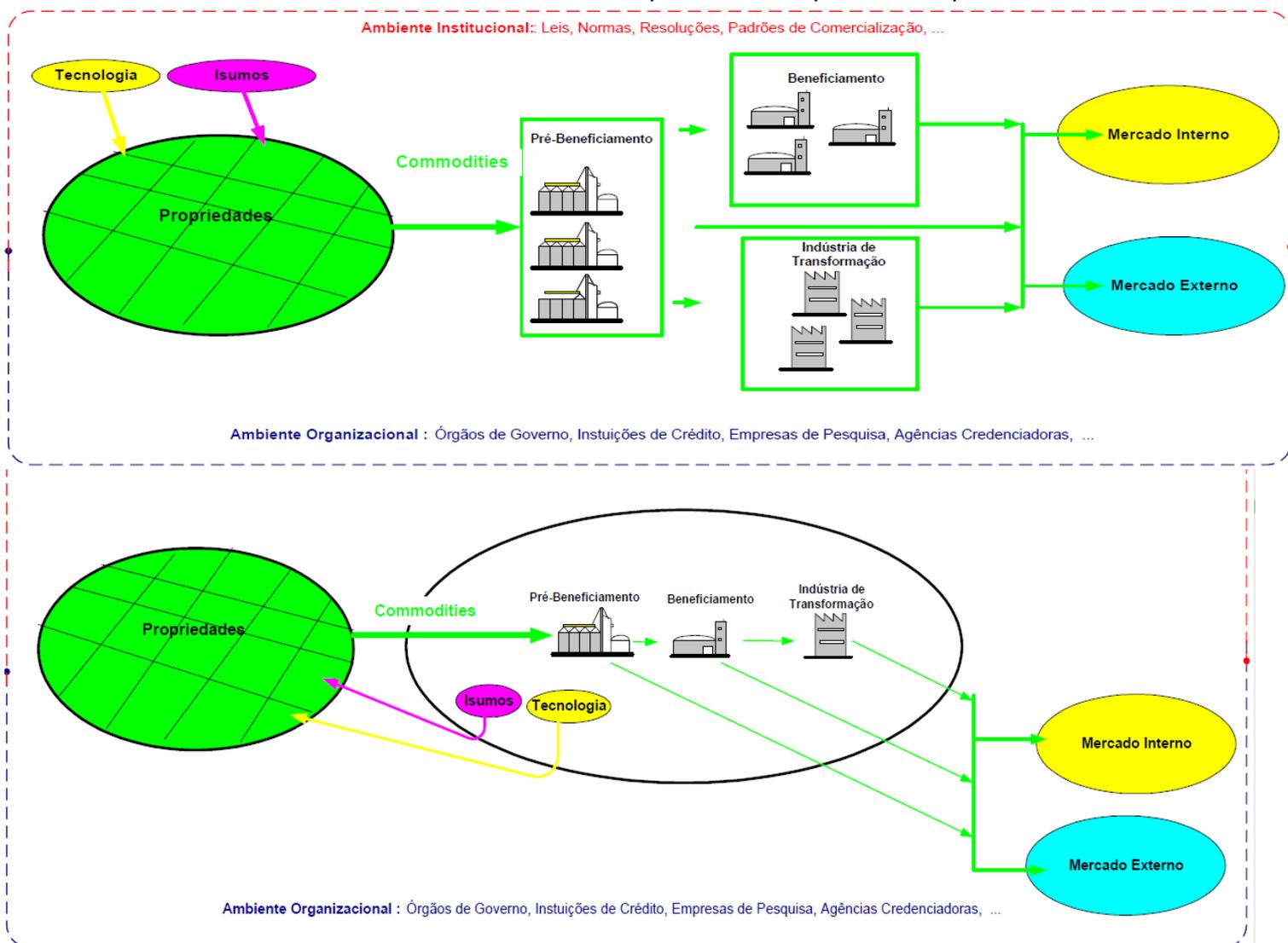
A cadeia representada na Figura 6 é do tipo dedicada. Isto significa que fluxos de insumos, matérias primas, produtos e capitais, bem como, os repasses de tecnologia ocorrem sob regências contratuais. Estes contratos são estabelecidos para garantir a fidelidade entre os segmentos e elementos da cadeia.

Sob esse cenário são definidas estratégias para o estabelecimento de competitividade e o uso dos recursos de logística. O sucesso na cadeia, garantindo o benefício mútuo entre os participantes, depende da cooperação entre os elementos da cadeia. A maior sincronia entre os participantes, promove uma diminuição nos custos e no tempo de todo o processo, garantindo a maior eficiência da cadeia.

Figura 5

Fonte: UFRRJ – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Na Figura 6 é representada uma cadeia produtiva com integração horizontal. Neste caso os elementos de um dado segmento podem executar a mesma função em várias cadeias, como também, vários elementos podem executar a mesma função em um dado segmento. Tal estruturação, permite uma maior liberdade dos elementos quanto ao repasse de produtos. No



entanto, requer um maior grau de capitalização e de capacidade gerencial dos elementos.

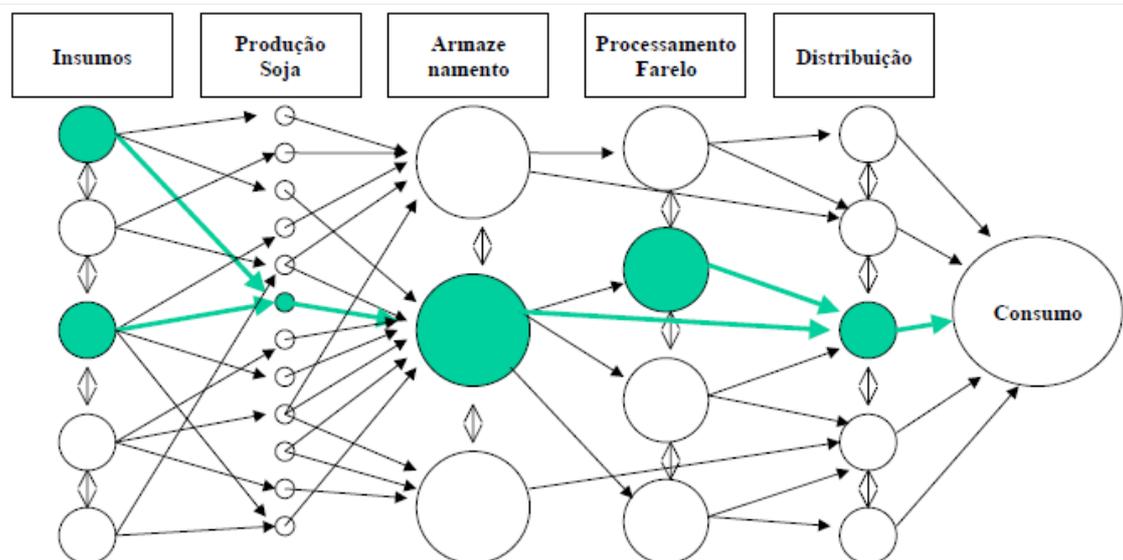
Figura 6:

Relacionando os agentes

As cadeias produtivas do agronegócio resultam da coordenação entre os participantes da cadeia. Essas relações acontecem de acordo com o posicionamento na cadeia produtiva e também com as vantagens estratégicas que cada um dos agentes possuem, ocasionando em poderes de barganha distintos nas relações dos participantes da cadeia produtiva. A seguir, será feita uma análise de como ocorrem as relações dos participantes da cadeia produtiva de exportação de commodities no Brasil .

A Figura 7 mostra como essas relações ocorrem:

Figura 7:



O primeiro grupo participante da cadeia, corresponde pelas empresas fabricantes de insumos e de maquinários agrícolas, que dão suporte para a produção na etapa antes. Essa indústria, está dividida em três categorias básicas de insumos: Biológicos, produtos de origem animal ou vegetal; Químicos ou Minerais , compreendendo por substâncias extraídas de rochas e também as produzidas artificialmente e Mecânicos, representando as máquinas e equipamentos agrícolas.

A entrada na indústria de insumos, exige um alto nível tecnológico empregado e também um alto investimento em P&D(Pesquisa e Desenvolvimento). Logo, o mercado de insumos agrícolas é restrito a empresas de grande porte, sendo majoritariamente multinacionais, que tenham capacidade técnica e financeira para o desenvolvimento e fornecimento de insumos de uma maneira eficiente. Essa composição de empresas de grande porte na etapa inicial da cadeia produtiva tem seus contras e prós. A parte negativa é que o produtor tem um poder de barganha muito pequeno em relação aos fornecedores de insumo, devido a grande diferença de porte entre os produtores e as empresas atuantes, fazendo com que os produtores sejam tomadores de preço e tenham baixa capacidade de negociação.

A parte positiva se deve a política de financiamento feita pelas empresas de insumos em parceria com o Governo Federal. Devido a grande quantidade de produtores existentes no Brasil, o governo tem dificuldade em realizar o fornecimento de crédito direto para os produtores, pela dificuldade de relacionamento e avaliação de inadimplência para cada um dos produtores. Sendo assim, o governo concede uma linha de créditos para a empresas de insumos, para que elas transfiram esse crédito aos produtores através de melhores condições de financiamento para os insumos, que são essências para a produção. Essa transferência do risco, torna o processo mais eficiente, já que as empresas de insumos tem uma pulverização e um alcance muito maior do que as agências governamentais, estando presente mesmo em cidades com um nível muito precário de desenvolvimento.

Na segunda etapa da cadeia produtiva de exportações agrícolas estão os produtores, que representam a etapa com o maior número de participantes e com a maior distinção entre os perfis de cada um. Segundo o MAPA(Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento), os produtores

agrícolas estão divididos em 5 categorias, variando de acordo com a receita bruta declarada, que são: Mini, Pequeno, Pequeno-Médio, Médio e Grande. Essa grande desigualdade de porte entre os produtores, deu lugar as cooperativas agrícolas, que servem como uma grande ferramenta de negociação e de inclusão dos pequenos e médios produtores com o restante da cadeia produtiva, garantindo através da união dos cooperados, melhores condições de compras de insumos, venda e distribuição.

Terminado o processo de plantio e colheita das commodities, correspondente pela atuação dos produtores, segue-se com as etapas de armazenamento, processamento e distribuição das commodities. A partir desse ponto, percebe-se a atuação de um outro tipo de empresa muito influente nas cadeias produtivas de exportação, que são as *tradings*.

As *tradings* são empresas, que comercializam mercadorias no mercado externo e interno, se valendo principalmente das atividades de importação e exportação. No caso das *tradings* agrícolas, por lidarem com produtos que possuem o preço dado pelo mercado e que o ganho ocorre com a larga escala de comercialização, necessita-se de empresas com uma infraestrutura própria desenvolvida, servindo de suporte para as atividades de armazenamento, processamento e distribuição das commodities agrícolas. Essa necessidade de uma infraestrutura desenvolvida, exigindo alto investimento e capacidade gerencial, serve como barreira de entrada para a exportação de commodities agrícolas, restringindo a atividade para um número limitado de empresas. No Brasil, existe o chamado “ABCD das *tradings*” que representam as principais empresas atuantes no mercado brasileiro (ADM, Bunge, Cargill e Louis Dreyfus) correspondendo por mais da metade das exportações brasileiras em 2013, de acordo com dados do Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior (MDIC).

Apesar de o modelo exportação baseado na atuação das *tradings* restringir o mercado a um número baixo de empresas, ele proporcionou grandes avanços e facilidades para que a atividade de exportação ocorra. Se não houvesse a atuação das *tradings*, o próprio produtor deveria suportar todos os custos, riscos e providências para a identificação de mercados externos, tornando a atividade muito mais custosa e ineficiente do que o modelo que é praticado.

Na relação dos produtores com a trading, o produtor se livra de qualquer responsabilidade sobre o produto depois da negociação com a trading. Os únicos dados que são relevantes para o produtor é o preço que a trading irá pagar por unidade de medida do produto(ex: saca de 60 kg) e a quantidade vendida. É interessante para o produtor, saber como se dá o processo de formação de preço da commodities para saber se ele está negociando o seu produto a um valor justo. A seguir, será descrito como ocorre o processo de precificação da soja, que é o principal produto negociado pelas tradings e exportado pelo Brasil

O início do processo de precificação acontece pela cotação nas bolsas de valores. No caso da soja, a cotação é feita na bolsa americana de Chicago, em que é fornecida a cotação corrente e também a cotação em mercados futuros, assim pode-se prever quanto vai ser pago pela soja no momento da colheita, mesmo antes da soja ser plantada, fornecendo maior previsibilidade do retorno esperado. Após o preço dado em Chicago é adicionado o custo do frete longo, ou seja, o valor do frete da fazenda até o porto em que o produto será despachado. Além do frete, é cobrado o custo de “*fobbings*”, que é o custo portuário de levantamento da mercadoria até o navio. Por ultimo entra-se o prêmio que cada *trading* está pagando por unidade de medida. Esse é o único ponto variável e que serve como diferenciação para que o produtor decida com qual trading irá negociar, uma vez que todos os outros custos citados anteriormente são praticamente os mesmos para qualquer uma das *tradings*. Resumindo o processo, o preço é formado da seguinte maneira:

$$\begin{aligned} & \text{Preço da soja cotada em dólar (Bolsa de Chicago)} \\ & \quad \times \\ & \quad \text{Taxa de câmbio R\$/USD} \\ & \quad - \\ & \quad \text{Custo de frete longo(da fazenda até o porto)} \\ & \quad - \\ & \quad \text{Fobbings (custo portuário)} \\ & \quad + \\ & \quad \text{Prêmio por unidade de medida (oferecido pelas tradings)} \\ & \quad = \\ & \quad \text{Preço recebido pelo produtor} \end{aligned}$$

Após a negociação feita com o produtor, as tradings armazenam, beneficiam o produto (caso queira agregar valor) e distribuem o produto até o

porto. Do porto, depois de pagos todos os custos portuários de despacho, a mercadoria vai até o importador do país destinado, que já havia feito o contrato pelo produto que foi entregue a ele. Assim encerra-se o ciclo.

5. CONCLUSÃO

A partir da caracterização da cadeia produtiva brasileira de exportação de commodities, podemos tirar algumas conclusões. Retomando algumas informações citadas anteriormente, percebemos que o agronegócio brasileiro sofreu uma revolução tecnológica nos últimos anos, alcançando um enorme salto de produtividade e realizando um uso mais eficiente das terras disponíveis. Ainda assim, o Brasil possui a capacidade de expansão da área produtiva devido a grande disponibilidade de terras disponíveis. Esse diferencial, coloca o Brasil em posição de destaque, já que as previsões indicam que a produção mundial de alimentos deve crescer 70% até 2050, e os outros blocos agroexportadores(EU e EUA) não possuem área para ser expandida. **Sendo assim, o Brasil tem um grande potencial para se tornar o maior exportador mundial de commodities no futuro.**

Apesar do grande avanço das exportações brasileiras, aumentando a participação no PIB brasileiro e sustentando a balança comercial, a atividade ainda enfrenta muitos desafios que limitam seu desenvolvimento. Falta subsídios ao produtor, os tratados comerciais são extremamente ineficientes e os problemas de infraestrutura elevam significativamente os custos de produção, principalmente o transporte rodoviário. Dessa forma, **o governo brasileiro deve dar mais importância as cadeias produtivas agrícolas através de investimentos em planejamento e infraestrutura** para garantir que as exportações de commodities brasileiras sigam sua tendência de crescimento.

Como foi analisado, as relações estabelecidas entre os elos da cadeia produtiva de exportação de commodities possuem uma variedade de modalidades, envolvendo coordenações verticais e horizontais entre agentes de diversos perfis, desde pequenos produtores até empresas multinacionais. Essa variedade de relações, fornece um benefício mútuo para os agentes

envolvidos, diminuindo o risco da operação dos produtores e maximizando os ganhos das empresas envolvidas. Logo, podemos concluir, que **a maior integração entre os produtores e as empresas privadas, aumenta a viabilidade da atividade de exportação de commodities.**

6. BIBLIOGRAFIA

- *AGROANALYSIS (2013) Agroanalysis: revista de agronegócios da FGV, Vol. 33, nº10, outubro.*
- *AGROANALYSIS (2013) Agroanalysis: revista de agronegócios da FGV, Vol. 33, nº12, dezembro.*
- *AGROANALYSIS (2014) Agroanalysis: revista de agronegócios da FGV, Vol. 34, nº11, novembro.*
- *Agência Brasileira de Promoção de Exportações e Investimentos - Apex-Brasil. (2013). Relatório de Gestão 2013. Brasília.*
- *Batalha, M. O. (2007). Gestão Agroindustrial. Atlas S.A.*
- *Gereffi, G., & Fernandez-Stark, K. (2011). Global Value Chain Analysis: A primer. Durham, North Carolina, USA: Center on Globalization. Governance and Competitiveness.*
- *Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada – IPEA. (2014). AGRICULTURA: EVOLUÇÃO E IMPORTÂNCIA PARA A BALANÇA COMERCIAL BRASILEIRA. Brasília.*
- *Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada – IPEA. (2014). Os BRICS e seus vizinhos : comércio e acordos regionais. Brasília.*
- *Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento – MAPA. (2014). Projeções do Agronegócio – Brasil 2013/2014 a 2023/2024.*
- *da Silva, Luiz Cezar (2011). Agronegócio: Logística e Organização de Cadeias Produtivas"*
- *Resende, Leone de; Garcia, Luiz Martins – “Trading Company Brasileira – Empresa Comercial Exportadora.” – Ed. Atlas*
- *AGROSTAT - (Banco de dados sobre comércio exterior). Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento, 2014.*

- *Cepea/Esalq/USP- Centro de Estudos em Economia Aplicada:*
<www.cepea.esalq.usp.br>.
- *Castro, José Augusto de; “Operações com Trading Companies e Incremento das Exportações” – Fundação de Estudos do Comércio Exterior*